

Braun, V. and Clarke, V. (2006) *Using thematic analysis in psychology*. **Qualitative Research in Psychology**, 3 (2). pp. 77-101. ISSN 1478-0887

Available from: <http://eprints.uwe.ac.uk/11735>

<http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>

### *Using thematic analysis in psychology*<sup>1</sup>

*Virginia Braun\**

Departamento de Psicologia  
Universidade de Auckland  
PO Box 92019  
Auckland Nova Zelândia  
[v.braun@auckland.ac.nz](mailto:v.braun@auckland.ac.nz)  
Ph:+64 9 3737599 x 87561  
Fax:+64 9 3737450

&

*Victoria Clarke*

Faculdade de Ciências Aplicadas  
Universidade do Oeste da Inglaterra  
Frenchay Campus  
Bristol BS16 1QY  
[Victoria.clarke@uwe.ac.uk](mailto:Victoria.clarke@uwe.ac.uk)  
+44 117 3282176  
+44 117 3282904

### **Notas biográficas das autoras**

**Virginia Braun\*** é professora no Departamento de Psicologia da Universidade de Auckland, onde ensina, supervisiona e realiza pesquisas qualitativas. Seus interesses de pesquisa concentram-se principalmente em torno da saúde das mulheres, corpos de gênero e sexo e sexualidade, e as intersecções entre estas áreas. Ela está atualmente trabalhando em projetos relacionados com o "sexo em relacionamentos de longo prazo", "cirurgia estética genital feminina" e "o contexto social de transmissão STI".

**Victoria Clarke** é uma palestrante sênior em Psicologia Social da Universidade do Oeste da Inglaterra. Ela publicou uma série de artigos sobre parentalidade lésbica e gay, e coeditou duas edições especiais de *Feminism & Psychology on Marriage* (com Sara-Jane Finlay & Sue Wilkinson). Atualmente, ela está conduzindo uma pesquisa financiada pela ESRC em relacionamentos do mesmo sexo (com Carol Burgoyne & Maree Burns) e coedição (com Elizabeth Peel) de um livro de Psicologia LGBT psicologia (*Out in Psychology*, Wiley).

---

<sup>1</sup> Usando análise temática em psicologia (tradução: Prof. Dr. Luiz Fernando Mackedanz – Instituto de Matemática, Estatística e Física – Universidade Federal do Rio Grande – FURG – [luismackedanz@furg.br](mailto:luismackedanz@furg.br))

## Usando análise temática em psicologia

A análise temática é um método analítico qualitativo pouco demarcado e reconhecido, mas amplamente utilizado dentro da psicologia. Neste artigo, argumentamos que ele oferece uma abordagem acessível e teoricamente flexível para análise de dados qualitativos. Delineamos o que é a análise temática, localizando-a em relação a outros métodos analíticos qualitativos que buscam temas ou padrões, e em relação a diferentes posições epistemológicas e ontológicas. Ainda, fornecemos orientações claras para aqueles que querem começar a análise temática, ou conduzi-la de uma forma mais deliberada e rigorosa, e consideramos potenciais armadilhas na realização de uma análise temática. Por fim, destacamos as desvantagens e vantagens da análise temática. Concluimos defendendo a análise temática como um método útil e flexível para a pesquisa qualitativa, tanto dentro como além da psicologia.

*Palavras-chave:* análise temática, psicologia qualitativa, padrões, epistemologia, flexibilidade

A análise temática é um método analítico qualitativo pouco demarcado e reconhecido, mas amplamente utilizada (veja Boyatzis, 1998; Roulston, 2001) na Psicologia e em outras áreas. Neste artigo, pretendemos preencher o que nós, como pesquisadores e professores de Psicologia Qualitativa, temos experimentado como uma lacuna atual: a ausência de um documento que descreva adequadamente teoria, aplicação e avaliação da análise temática, que faça isso de uma forma acessível para estudantes e todos que não estão particularmente familiarizados com a pesquisa qualitativa<sup>2</sup>. Isto é, nosso objetivo é escrever um artigo que será útil tanto como ferramenta de ensino como de pesquisa em Psicologia Qualitativa. Portanto, neste artigo discutimos a teoria e método para a análise temática, e esclareceremos as semelhanças e diferenças entre as diferentes abordagens que compartilham características em comum com uma abordagem temática.

Abordagens qualitativas são incrivelmente diversas, complexas e cheias de matizes (Holloway & Todres, 2003), e a análise temática deve ser vista como um método fundamental para a análise qualitativa. É o primeiro método qualitativo de análise que os pesquisadores devem aprender, uma vez que fornece habilidades centrais que serão úteis para a realização de muitas

---

<sup>2</sup> Boyatzis (1998) fornece uma forma muito mais detalhada de análise temática. Porém, nós não sentimos que sua abordagem é particularmente acessível para aqueles não familiarizados com abordagens qualitativas. Além disso, sua abordagem difere do nosso pelo fato que, embora ele reconheça a dimensão subjetiva da análise qualitativa, sua abordagem é, em última análise, muitas vezes implicitamente, localizada dentro de um paradigma empirista positivista.

outras formas de análise qualitativa. Na verdade, Holloway e Todres (2003: 347) identificam "significados que tematizam" como uma das poucas competências genéricas compartilhadas na análise qualitativa<sup>3</sup>. Por esta razão, Boyatzis (1998) caracteriza-a não como um método específico, mas como uma ferramenta para ser utilizada em diferentes métodos. Da mesma forma, Ryan e Bernard (2000) localizam a codificação temática como um processo realizado *dentro de* "grandes" tradições analíticas (como a teoria fundamentada nos dados), em vez de uma abordagem específica em si. Argumentamos que a análise temática deve ser considerada, propriamente, como um método.

Um dos benefícios da análise temática é sua flexibilidade. Métodos analíticos qualitativos podem ser divididos em dois campos. No primeiro, há aqueles ligados a, ou decorrente de, uma particular posição teórica ou epistemológica. Para alguns deles - como a análise de conversação([AC], por exemplo, Hutchby & Wooffitt, 1998) e análise fenomenológica interpretativa ([AFI], por exemplo, Smith & Osborn, 2003) - existe (ainda) uma variabilidade relativamente limitada na forma como o método é aplicado, nesse âmbito. Em essência, uma receita que orienta a análise. Para outros - como a teoria fundamentada em dados (por exemplo, Glaser, 1992; Strauss & Corbin, 1998), a análise do discurso ([AD] por exemplo, Burman & Parker, 1993; Potter e Wetherell, 1987; Willig, 2003) ou análise narrativa (por exemplo, Murray, 2003; Riessman, 1993) - existem diferentes manifestações do método, a partir de um amplo quadro teórico. Em segundo lugar, existem métodos que são essencialmente independentes da teoria e da epistemologia, e podem ser aplicados *em* uma variedade de abordagens teóricas e epistemológicas. Embora muitas vezes (implicitamente) enquadrado como um método realista/experiencial (por exemplo, Aronson, 1994; Roulston, 2001), a análise temática realmente está firmada no segundo grupo, e é compatível tanto com o paradigma essencialista quanto construcionista da Psicologia (discutiremos isso mais tarde). Através de sua liberdade teórica, a análise temática fornece uma ferramenta de pesquisa flexível e útil, que pode potencialmente fornecer um conjunto rico e detalhado, ainda que complexo, de dados.

Dadas as vantagens da flexibilidade da análise temática, é importante que deixemos claro que não estamos tentando limitar essa flexibilidade. No entanto, uma ausência de orientações claras e concisas sobre a análise temática significa que a crítica "vale tudo" da pesquisa qualitativa (Antaki, Billig, Edwards, & Potter, 2002) pode muito bem ser aplicado em alguns casos. Com este trabalho, esperamos encontrar um equilíbrio entre demarcar a análise temática claramente - ou seja, explicar o que é, e como fazê-la - e assegurar a flexibilidade em relação à forma como ela é usada, de modo que ela não se torne limitada e restrita, perdendo assim uma de suas principais vantagens. Na verdade, uma demarcação clara desse método será útil para garantir que aqueles que usam a análise temática podem fazer escolhas ativas sobre a forma particular de análise em que eles estão

---

<sup>3</sup> A interpretação de Dey (1993) para a "análise qualitativa dos dados", que tem como objetivo identificar as técnicas compartilhadas por uma variada gama de métodos qualitativos, e demonstrar que fazer "análise qualitativa" reforça este ponto onde seu foco é em grande parte temático - mas não reivindicado como tal.

envolvidos. Portanto, este trabalho visa celebrar a flexibilidade do método, e fornecer um vocabulário e uma 'receita' para as pessoas que desejam começar a fazer análise temática de uma forma teórica e metodologicamente sólida<sup>4</sup>. Como mostraremos, o importante é que, enquanto estão aplicando um método aos dados, os pesquisadores fazem suas suposições (epistemológicas e outras) explicitamente (Holloway & Todres, 2003). Psicólogos qualitativos precisam ser claros a respeito do que estão fazendo e porquê, e incluem o frequentemente omitido "como" eles fizeram a sua análise nos seus relatórios (Attride-Stirling, 2001).

Neste artigo destacamos: o que é a análise temática; um guia de 6 passos para fazer análise temática; potenciais armadilhas a serem evitadas ao fazer a análise temática; o que torna uma análise temática boa; e vantagens e desvantagens da análise temática. Ao longo do artigo, fornecemos exemplos da literatura de pesquisa, e de nossa própria investigação. Ao fornecer exemplos, mostramos os tipos de questões e tópicos de investigação nas quais a análise temática pode ser usada.

Antes de começarmos, precisamos definir alguns dos termos usados ao longo do artigo. O *corpus* de dados refere-se a *todos* os dados coletados para um projeto de investigação específico, enquanto *conjunto* de dados refere-se a todos os dados do corpus que estão sendo usados em uma análise particular. Existem duas formas principais de escolha do conjunto de dados (cuja abordagem a ser tomada depende se sua análise parte de uma pergunta específica ou não – ver a seção *uma série de decisões* abaixo). Primeiro, seu conjunto de dados pode consistir em muitos dos itens de dados individuais (ou todos) dentro do corpus de dados. Assim, por exemplo, em um projeto sobre a cirurgia genital feminina estética, o corpus de dados de Virginia consiste de entrevistas com cirurgiões, itens de mídia sobre o tema e sites de cirurgiões. Para qualquer análise particular, o seu conjunto de dados pode ser apenas as entrevistas com cirurgiões, apenas os sites (Braun, 2005b), ou pode combinar dados dos cirurgiões com alguns dados de mídia (por exemplo, Braun, 2005a). Em segundo lugar, seu conjunto de dados pode ser identificado por um especial interesse analítico em algum tópico nos dados, e o conjunto então torna-se todas as instâncias no corpus onde o assunto é referido. Assim, no exemplo de Virginia, se ela estava interessado em como o "prazer sexual" foi mencionado, seu conjunto de dados consistiria em todas as instâncias no corpus que tiveram alguma

---

<sup>4</sup> Alguns autores, como Potter (1997:147-148) argumentam que não se deve simplesmente fornecer "receitas" para métodos qualitativos, como a AD, porque "uma grande parte do fazer análise do discurso é uma habilidade artesanal, mais como andar de bicicleta ou "azarar" uma menina do que seguir a receita para um Frango Alfredo suave.... Isso a torna difícil para descrever e aprender." Apesar de não discordarmos que as habilidades necessárias para a análise qualitativa de todos os tipos precisam ser aprendidas, outros, como McLeod (2001), argumentam que, ao não discutir o 'como' de análise, mantemos certos métodos misteriosos (e, portanto, elitistas). Em vez disso, se queremos tornar os métodos democráticos e acessíveis - e, na verdade, fazer a pesquisa qualitativa de todas as formas mais compreensível para aqueles que não estão treinados nos métodos e, portanto, mais populares - precisamos fornecer conselhos concretos sobre como realmente fazê-lo. Não estamos questionando a importância de formas "não-receita" de treinamento, mas o quanto as 'receitas' necessariamente diminuem a complexidade de certos métodos, que são importantes para tornar os métodos acessíveis.

relevância para o prazer sexual. Estas duas abordagens podem às vezes ser combinadas para produzir o conjunto de dados. A palavra *item* é usada para se referir a cada parte individual dos dados recolhidos, que juntos formam o conjunto de dados ou corpus. Um item de dados, neste caso, seria uma entrevista individual com um cirurgião, um documentário de televisão, ou um determinado site. Finalmente, o *extrato* refere-se a um pedaço individual codificado de dados, que tenha sido identificado, e extraído, a partir de um item. Ocorrerão muitos extratos, tirados de todo o conjunto de dados, e apenas uma seleção deles aparecerá na análise final.

### **O que é análise temática?**

A análise temática é um método para identificar, analisar e relatar padrões (temas) dentro dos dados. Ela minimamente organiza e descreve o conjunto de dados em (ricos) detalhes. No entanto, ela muitas vezes também vai mais longe do que isso, e interpreta vários aspectos do tema de pesquisa (Boyatzis, 1998). A *gama* de diferentes análises temáticas possíveis continuará a ser destacada em relação a uma série de decisões quando a consideramos como um método (ver abaixo).

A análise temática é amplamente utilizada, mas não há um acordo claro sobre o que ela é e como você vai fazê-la (veja Attride-Stirling, 2001; Boyatzis, 1998; Tuckett, 2005, para outros exemplos). Ela pode ser vista como um método muito mal 'delimitado', na medida em que parece não existir como uma análise "nomeada" da mesma forma que outros métodos são (por exemplo, a análise narrativa, a teoria fundamentada em dados). Neste sentido, muitas vezes não é explicitamente reivindicada como um método de análise, quando, na realidade, argumentamos que uma boa parte da análise é essencialmente temática – mas ou é reivindicado como outra coisa (como análise do discurso, ou mesmo análise de conteúdo (por exemplo, Meehan, Vermeer, e Windsor, 2000)) ou não identificado como um método específico - por exemplo, os dados eram "submetidos à análise qualitativa para temas comuns recorrentes" (Braun & Wilkinson, 2003: 30). Se não sabemos como as pessoas começaram a analisar seus dados, ou quais suposições permearam sua análise, é difícil avaliar sua pesquisa, e comparar e/ou sintetizá-lo com outros estudos sobre o assunto, e isso pode impedir que outros pesquisadores realizem projetos relacionados no futuro (Attride-Stirling, 2001). Apenas por estas razões, a clareza em torno do processo e da prática do método é vital. Esperamos que este trabalho conduza a uma maior clareza em torno da análise temática.

De forma semelhante, muitas vezes é dada uma quantidade insuficiente de detalhes ao relatar o processo e detalhes da análise (Attride-Stirling, 2001). Não é incomum ler sobre temas que 'emergem' a partir dos dados (embora esta questão não é limitada à análise temática). Por exemplo, a análise do discurso temática de Singer e Hunter (1999:67) sobre as experiências de menopausa precoce nas mulheres identificou que "vários temas emergiram" durante a análise. Rubin e Rubin (1995:226) afirmam que a análise é emocionante porque "você descobre temas e conceitos

incorporados ao longo de suas entrevistas." Uma quantidade de temas 'emergentes' ou a serem "descobertos" é um resultado passivo do processo de análise, e nega o papel *ativo* que o pesquisador sempre desempenha na identificação de padrões/temas, selecionando quais são de interesse, e reportando-os aos leitores (Taylor & Usher, 2001)<sup>5</sup>. A linguagem dos "temas emergentes":

Pode ser mal interpretada como significando que os temas 'residem' nos dados, e basta olharmos firmemente o suficiente que eles vão "emergir" como no *Nascimento de Vênus*. Se os temas 'residem' em qualquer lugar, eles residem em nossas cabeças quanto ao pensar sobre os dados e à criação de links conforme os entendemos (Ely, Vinz, Downing, & Anzul, 1997:205-6).

É importante, neste momento, que reconheçamos nossas próprias posições e valores teóricos em relação à pesquisa qualitativa. Não podemos nos aliar a uma visão ingenuamente realista sobre a pesquisa qualitativa, onde o pesquisador pode simplesmente 'dar voz' (ver Fine, 2002) aos participantes. Como Fine (2002:218) afirma, mesmo este tipo de abordagem "envolve trabalhar partes não confirmadas da evidência narrativa que selecionamos, editamos e implantamos para limitar nossos argumentos". No entanto, nem pensamos que existe um quadro teórico ideal para a realização de pesquisa qualitativa, ou mesmo um método ideal. É importante que o quadro teórico e os métodos correspondam ao que o pesquisador quer saber, e que eles as reconheçam *como* decisões.

A análise temática difere de outros métodos analíticos que procuram descrever padrões através de dados qualitativos - como a análise do discurso 'temática', a análise de decomposição temática, AFI e a teoria fundamentada em dados<sup>6</sup>. As duas últimas procuram padrões nos dados, mas são limitadas pela teoria. A AFI está ligada a uma epistemologia fenomenológica (Smith, Jarman, & Osborn, 1999; Smith & Osborn, 2003), que lhe dá uma primazia de experiência (Holloway & Todres, 2003), que busca compreender a experiência cotidiana da realidade, em grande detalhe, de modo a ganhar uma compreensão do fenômeno em estudo (McLeod, 2001). Para assuntos mais complicados, a teoria fundamentada em dados tem diferentes versões (Charmaz, 2002). Independente disso, o objetivo de uma análise pela teoria fundamentada é gerar uma teoria plausível - e útil - dos fenômenos baseados nos dados (McLeod, 2001). No entanto, nossa

---

<sup>5</sup> Foster e Parker (1995) sugerem que uma forma de reconhecer o papel criativo e ativo do analista é usar a primeira pessoa quando escreve.

<sup>6</sup> A análise de conteúdo é outro método que pode ser utilizado para identificar padrões entre os dados qualitativos, e é por vezes tratada como similar a abordagens temáticas (por exemplo, Wilkinson, 2000). No entanto, a análise de conteúdo tende a concentrar-se em um nível mais micro, muitas vezes fornece contagens (de frequência) (Wilkinson, 2000), e permite análises quantitativas de dados inicialmente qualitativos (Ryan & Bernard, 2000). A análise temática difere desta pelo fato que os temas tendem a *não* ser quantificados (embora às vezes eles possam ser; e Boyatzis (1998) sugere que a análise temática pode ser usada para transformar os dados qualitativos em uma forma quantitativa, e submetê-las a análise estatística), e a unidade de análise tende a ser mais do que uma palavra ou frase, que normalmente está na análise de conteúdo.

experiência nos mostra que a teoria fundamentada parece cada vez mais a ser utilizada de uma forma que é essencialmente "light" – como um conjunto de procedimentos para a codificação de dados muito semelhante à análise temática. Tais análises não parecem concordar plenamente com os compromissos teóricos de uma teoria fundamentada 'completa', a qual exige uma análise direcionada ao desenvolvimento da teoria (Holloway & Todres, 2003). Argumentamos, portanto, que uma análise *temática* 'nomeada e reconhecida' significa que os pesquisadores não precisam subscrever os compromissos teóricos implícitos de teoria fundamentada, se não querem produzir uma análise totalmente trabalhada na teoria fundamentada.

O termo 'análise temática do discurso' é usado para se referir a uma ampla gama de análises de padrão de dados, que vão desde a análise temática dentro de uma epistemologia construcionista social (ou seja, onde os padrões são identificados como socialmente produzidos, mas nenhuma análise discursiva é realizada), até formas de análise muito semelhante à forma interpretativa do repertório da AD (Clarke, 2005). A análise por decomposição temática (por exemplo, Stenner, 1993; Ussher & Mooney-Somers, 2000) é uma forma específica da análise "temática" do discurso, que identifica padrões (temas, histórias) dentro dos dados e teoriza a linguagem como constitutiva de significado e significado como social.

Estes métodos diferentes compartilham uma busca por certos temas ou padrões através de um conjunto (inteiro) de dados, no lugar de *em* um item, como uma entrevista individual ou várias entrevistas com uma pessoa, como no caso de formas de análise biográficas ou estudos de caso, tais como análise de narrativa (por exemplo, Murray, 2003; Riessman, 1993). Nesse sentido, eles mais ou menos sobrepõem-se com a análise temática. Como esta não requer o conhecimento teórico e tecnológico detalhado de abordagens como a teoria fundamentada e a AD, pode oferecer uma forma mais acessível de análise, especialmente para aqueles no início de uma carreira na pesquisa qualitativa.

Em contraste com a AFI ou a teoria fundamentada (e outros métodos, como as análises narrativa, de discurso ou de conversação), a análise temática não está ligada a um quadro teórico preexistente, e por isso pode ser usada em diferentes enquadramentos teóricos (embora não todos), e pode ser usada para fazer coisas diferentes dentro destes. A análise temática pode ser um método essencialista ou realista, que relata experiências, significados e a realidade dos participantes, ou pode ser um método construtivista, que examina as maneiras como eventos, realidades, significados, experiências e assim por diante são efeitos de uma série de discursos que operam dentro da sociedade. Também pode ser um método 'contextualista', localizado entre os dois polos do essencialismo e construtivismo, e caracterizada por teorias como o realismo crítico (por exemplo, Willig, 1999), que reconhece as formas como indivíduos criam significado de sua experiência, e, por sua vez, as formas como o contexto social mais amplo se apresenta nesses significados, mantendo o foco no material e em outros limites da 'realidade'. Portanto, a análise temática pode ser

um método que funciona tanto para refletir a realidade, como para desfazer ou desvendar a superfície da 'realidade'. No entanto, é importante que a posição teórica de uma análise temática seja clara, já que esta é muitas vezes não mencionada (e é, então, normalmente, de caráter realista). Qualquer quadro teórico traz consigo uma série de pressupostos sobre a natureza dos dados, o que eles representam em termos de 'mundo', 'realidade', e assim por diante. Uma boa análise temática torna isto transparente.

### **Uma série de decisões**

A análise temática envolve uma série de opções que muitas vezes não são explícitas (ou não são, certamente, normalmente discutidas na seção método dos artigos), mas que precisam ser *explicitamente* consideradas e discutidas. Na prática, estas questões devem ser consideradas antes da análise (e às vezes até antes da coleta) dos dados começar, e é necessário que exista um diálogo reflexivo por parte do pesquisador ou pesquisadores com relação às questões, ao longo dos processos analíticos. Na seção método de Taylor e Ussher (2001), a análise do discurso temático do S&M fornece um bom exemplo de pesquisa que apresenta este processo de forma explícita; já a seção método de Braun & Wilkinson (2003) não o faz.

#### *O que conta como um tema?*

Um tema capta algo importante sobre os dados em relação à questão de pesquisa, e representa um certo nível de resposta ou significado *padronizado* dentro do conjunto de dados. Uma questão importante para resolver em termos de codificação é o que é definido como um padrão/tema ou o qual o "tamanho" necessário para um tema? Esta é uma questão de prevalência tanto em termos do espaço em cada item de dados, e a prevalência em todo o conjunto de dados. Idealmente, haverá um número de ocorrências do tema em todo o conjunto de dados, mas uma maior ocorrência não significa *necessariamente* que o tema em si é mais importante. Como esta é uma análise qualitativa, não há nenhuma resposta rápida e direta à pergunta de qual proporção de nosso conjunto de dados precisa mostrar evidências do tema para que ele seja considerado um tema. Não é o caso que um item presente em 50% dos dados seria um tema, mas se ele estiver presente apenas em 47%, então não seria. Também não é o caso de que um tema só é algo que muitos itens dos dados dão uma atenção considerável, ao invés de uma ou duas frases. Um tema pode ocupar um espaço considerável em alguns itens dos dados, e pouco ou nenhum em outros, ou ele pode aparecer relativamente pouco no conjunto completo de dados. Então é o julgamento do pesquisador é necessário para determinar o que é um tema. Nossa orientação inicial em torno disto é que você precisa manter uma certa flexibilidade, e regras rígidas realmente não funcionam. (A questão da prevalência fica revisitada em relação aos temas e subtemas, assim como o refinamento da análise [veja mais adiante], muitas vezes resultam em temas globais, e seus subtemas.)



Além disso, o 'chaveamento' de um tema não é necessariamente dependente de medidas quantificáveis - mas em termos de saber se ele capta algo importante em relação à questão global de investigação. Por exemplo, na pesquisa de Victoria sobre as representações de pais gays e lésbicas em 26 *talk shows* (Clarke & Kitzinger, 2004), ela identificou seis temas "chave". Estes seis temas não eram necessariamente os temas mais prevalentes em todo o conjunto de dados - eles aparecem entre 2 e 22 dos 26 *talk shows* - mas juntos eles capturaram um importante elemento da forma como lésbicas e gays "normalizam" suas famílias nos debates em *talk shows*. Neste exemplo, sua análise temática foi conduzida por esta questão analítica em particular. Como ela "mediu" a prevalência é relevante, assim como a prevalência pode ser determinada de uma série de maneiras diferentes. A prevalência foi contada no nível dos itens de dados (ou seja, se um tema aparece em qualquer lugar dentro de cada *talk show* individualmente). Alternativamente, poderia ter sido contabilizada em termos do número de diferentes oradores que articulam o tema, através do conjunto completo de dados, ou de cada ocorrência individual do tema no conjunto de dados (o que levanta questões complexas sobre onde uma 'ocorrência' começa e termina dentro de uma sequência prolongada de fala, ver Riessman, 1993). Como a prevalência não foi crucial para a análise apresentada, Victoria escolheu a forma mais direta, mas é importante notar que não há método certo ou errado para determinar a prevalência. Parte da flexibilidade de análise temática está nela permitir que você determine temas (e prevalência) de diferentes formas. O importante é que você seja consistente na forma como você faz isso dentro de qualquer análise particular.

Existem várias 'convenções' para representar a prevalência na análise temática (e outra qualitativa) que não fornecem uma medida quantificada (ao contrário da maioria da análise de conteúdo, Wilkinson, 2000) – por exemplo: "a maioria dos participantes" (Meehan et al, 2000: 372), "muitos participantes" (Taylor & Ussher, 2001: 298), ou "um certo número de participantes" (Braun, Gavey, & McPhillips, 2003: 249). Tais descritores trabalham retoricamente para sugerir um tema que *realmente* existe nos dados e nos convencer que eles estão relatando a verdade sobre os dados. Mas o quanto eles nos dizem? Esta é talvez uma das áreas é necessário ocorrer mais debate sobre como e por que podemos representar a prevalência dos temas nos dados, e de fato, se, como e por que a prevalência é particularmente importante.

*Uma rica descrição do conjunto de dados, ou um relato detalhado de um aspecto particular*

É importante determinar o tipo de análise que você quer fazer, e as reivindicações que você quer fazer, em relação ao seu conjunto de dados. Por exemplo, você pode querer fornecer uma descrição temática rica de todo o seu conjunto de dados, de modo que o leitor alcance um sentido dos temas predominantes ou importantes nele. Neste caso, os temas identificados, codificados e analisados precisariam ser um reflexo preciso do conteúdo de *todo* o conjunto de dados. Em tal análise, alguma profundidade e complexidade é necessariamente perdida (especialmente se você está escrevendo uma pequena dissertação ou artigo com limite rigoroso de número de palavras),

mas uma rica descrição geral é mantida. Isso pode ser um método particularmente útil quando se está investigando uma área pouco estudada, ou com participantes cujas visões sobre o tema não são conhecidos.

Uma utilização alternativa da análise temática é fornecer uma descrição mais detalhada e diferenciada de um tema específico, ou grupo de temas, dentro dos dados. Isso pode estar relacionado a uma questão ou área de interesse específica dentro dos dados (uma abordagem semântica - veja abaixo), ou a um determinado tema "latente" (veja abaixo) em toda, ou na maior parte, do conjunto de dados. Um exemplo disso seria o artigo de Victoria sobre os talk shows, discutido anteriormente (Clarke & Kitzinger, 2004), que analisou a normalização nas visões familiares de lésbicas e homens homossexuais.

### *Análise Temática Indutiva vs Teórica*

Temas ou padrões dentro de dados pode ser identificado na análise temática de duas maneiras principais: de forma indutiva ou 'de baixo para cima' (por exemplo, ver Frith & Gleeson, 2004), ou de forma teórica ou dedutiva ou 'de cima para baixo' (por exemplo, ver Boyatzis, 1998; Hayes, 1997). Uma abordagem indutiva significa que os temas identificados estão fortemente ligados aos próprios dados (Patton, 1990) (assim, esta forma de análise temática tem algumas semelhanças com a teoria fundamentada). Nesta abordagem, se os dados foram coletados especificamente para a pesquisa (por exemplo, através de entrevista ou grupo de reflexão), os temas identificados podem ter pouca relação com a questão específica que foram feita aos participantes. Eles também não seriam definidos pelo interesse teórico do pesquisador na área ou tópico. A análise indutiva é, portanto, um processo de codificação dos dados, *sem* tentar se encaixar em um quadro de codificação preexistente, ou preconceitos analíticos do pesquisador. Neste sentido, esta forma de análise temática é orientada pelos dados. No entanto, é importante notar, como discutimos anteriormente, que os pesquisadores não pode libertar-se dos seus compromissos teóricos e epistemológicos, e que os dados não são codificados em um vácuo epistemológico.

Em contraste, uma análise temática 'teórica' tenderia a ser dirigida pelo interesse teórico ou analítico do pesquisador na área, e é, portanto, mais explicitamente orientada pelo analista. Esta forma de análise temática tende a fornecer menos uma descrição rica dos dados em geral, e mais uma análise detalhada de alguns aspectos dos dados. A escolha indutiva e teórica mapeia como e por que você está codificando os dados. Você pode codificar para uma questão de pesquisa bastante específica (que direciona para uma abordagem mais teórica) ou a questão de pesquisa específica pode evoluir ao longo do processo de codificação (que direciona para a abordagem indutiva).

Por exemplo, se um pesquisador estava interessado em falar sobre heterossexualidade, e coletou dados em entrevistas, em uma abordagem indutiva os dados seriam lidos e relidos para todos os temas relacionados com heterossexualidade e codificados diversamente, sem prestar

atenção aos temas que alguma pesquisa anterior sobre o tema possa ter identificado. Por exemplo, o pesquisador não iria considerar a investigação influente de Hollway (1989), identificando discursos de heterossexualidade e codificando *apenas* para temas sobre orientação sexual masculina, discursos de posse ou permissivos. Em contraste, em uma abordagem teórica, o pesquisador pode muito bem estar interessado na forma como a permissividade se desenrola através dos dados, e se concentrar nesta característica particular na codificação dos dados. O resultado disso é uma série de temas em torno de permissividade, que podem incluir, falar, ou expandir sobre algo aproximando-se do tema original do Hollway.

### *Temas semânticos ou latentes*

Outra decisão gira em torno do "nível" em que temas deverão ser identificados: em um nível semântico ou explícito, ou em um nível latente ou interpretativo (Boyatzis, 1998)<sup>7</sup>. A análise temática tipicamente se concentra exclusiva ou principalmente em um nível. Com uma abordagem semântica, os temas são identificados dentro dos significados explícitos ou superficiais dos dados e o analista não está à procura de qualquer coisa *além do* que um participante tenha explicitamente dito ou escrito. Idealmente, o processo analítico envolve uma progressão desde a *descrição*, onde os dados foram simplesmente organizados para mostrar padrões em conteúdo semântico, e resumidos, até a *interpretação*, onde há uma tentativa de teorizar a importância dos padrões e seus significados mais amplos e implicações (Patton, 1990), muitas vezes em relação à literatura precedente (veja Frith & Gleeson, 2004, para um excelente exemplo disso).

Em contraste, uma análise temática ao nível latente vai além do conteúdo semântico dos dados, e começa a identificar ou examinar as ideias, suposições e conceitualizações - e ideologias – *subjacentes* que são teorizados como formatação ou informação do conteúdo semântico dos dados. Se imaginarmos nossos dados em três dimensões como um amontoado desigual de geleia, a abordagem semântica procuraria descrever a superfície da geleia, sua forma e significado, enquanto a abordagem latente iria procurar identificar as características que lhe deram esta forma e significado particulares. Assim, para a análise temática latente, o desenvolvimento dos próprios temas envolve trabalho interpretativo, e a análise que é produzido não é apenas a descrição, mas já está teorizada.

A análise dentro esta última tradição tende a vir de um paradigma construcionista (por exemplo, Burr, 1995), e desta forma, a análise temática sobrepõe-se com algumas formas de "análise do discurso" (às vezes especificamente referidas como 'análise temática do discurso' (por exemplo, Singer & Hunter, 1999; Taylor & Ussher, 2001)), onde suposições, estruturas e/ou

---

<sup>7</sup> A definição de Boyatzis (1998) para latente e manifesto é algo mais restrito do que a nossa identificação de latente e semântica, e ele identifica a análise temática como a incorporação de *ambos* os aspectos latentes e manifestos. No entanto, isso resulta do fato de que ele associa o processo de interpretação à análise latente - ao passo que nós argumentamos que este também deve ser um elemento importante de uma abordagem semântica.

significados mais amplos são teorizados como subjacentes ao que realmente está articulado nos dados. Cada vez mais, um grupo de analistas de discurso também está revisitando modos psicanalíticos de interpretação (por exemplo, Hollway & Jefferson, 2000), e a análise temática latente também seria compatível com esse quadro.

*Epistemologia: essencialista/realista vs análise temática construcionista*

Como argumentamos, a análise temática pode ser realizada em ambos paradigmas, realista/essencialista e construtivista, embora o resultado e o foco serão diferentes para cada um. A questão da epistemologia geralmente é determinada quando um projeto de pesquisa está sendo conceituado, embora a epistemologia também possa aparecer novamente durante a análise, quando o foco da pesquisa pode mudar para um interesse em diferentes aspectos dos dados. A epistemologia da pesquisa orienta o que você pode dizer sobre seus dados e informa como você teoriza o significado. Por exemplo, com uma abordagem essencialista/realista você pode teorizar motivações, experiências e significado de uma forma simples e direta, porque uma relação simples, em grande parte unidirecional é assumida entre significado e experiência e linguagem (a linguagem reflete e nos permite articular significado e experiência) (Potter & Wetherell, 1987; Widdicombe & Wooffitt, 1995).

Por outro lado, pela perspectiva construcionista, significado e experiência são socialmente produzidos e reproduzidos, em vez de serem inerentes aos indivíduos (Burr, 1995). Portanto, a análise temática realizada num enfoque construcionista não pode e não pretende se concentrar em motivação ou psicologias individuais, mas em vez disso procura teorizar os contextos socioculturais, e as condições estruturais, que permitem que as ideias individuais sejam consideradas. A análise temática focada em temas "latentes" tende a ser mais construcionista, e também tende a começar a sobrepor-se com a análise temática de discurso neste ponto. No entanto, nem toda análise temática "latente" é construcionista.

*As muitas questões da pesquisa qualitativa*

Vale a pena observar brevemente que a pesquisa qualitativa envolve uma série de perguntas, e há uma necessidade de ser claro sobre a relação entre estas diferentes questões. Em primeiro lugar, existe a questão (ou questões) de pesquisa globais que conduzem o projeto. A questão de pesquisa pode ser bem ampla (e exploratória), tal como "como é construída a parentalidade lésbica e gay?" ou "quais são os significados da vagina?" Questões de pesquisa mais estreitas podem ser "como e por que a parentalidade gay e lésbica é normalizada?" (Clarke & Kitzinger, 2004), ou "quais são os discursos em torno do tamanho vaginal?" (ver Braun & Kitzinger, 2001). Estas questões estreitas podem ser parte de uma questão de pesquisa global mais ampla, e se assim for, as análises que informam também iriam fornecer respostas para a questão global de investigação.

Embora todos os projetos sejam guiados por questões de pesquisa, estes também podem ser refinados conforme o projeto progride.

Em segundo lugar, se os dados de entrevistas ou grupos focais forem recolhidos, existem perguntas que os participantes responderam. Por último, existem questões que orientam a codificação e análise dos dados. Não há nenhuma relação necessária entre estas três, e, de fato, muitas vezes esta separação entre elas é desejável. Alguns dos piores exemplos de análise "temática" que lemos simplesmente usaram as questões colocadas aos participantes como os 'temas' identificados na 'análise' - embora em tais exemplos, não há realmente qualquer análise realizada!

Em suma, a análise temática envolve a busca *através de* um conjunto de dados - seja em uma série de entrevistas ou grupos de foco, ou em uma série de textos - para encontrar padrões repetidos de significado. A forma e produtos de análise temática exatos variam, como indicado acima, e portanto é importante que as questões delineadas acima sejam consideradas, antes e durante as análises temáticas. Essas abordagens que consideram aspectos *específicos*, temas latentes e são construcionistas tendem a agrupar-se muitas vezes em conjunto, enquanto que aquelas que consideram significados considerando o conjunto de dados, temas semânticos, e são realistas, muitas vezes se agrupam em outro extremo. No entanto, não há regras rígidas e rápidas em relação a isso, e diferentes combinações são possíveis. O que é importante é que o produto acabado contém uma ideia - não necessariamente aquela detalhada - do que foi feito, e por quê. Então, o que ela realmente *faz*? Agora fornecemos o que esperamos que seja um guia passo a passo simples para a realização de análise temática.

### **Operando a análise temática: um guia passo a passo**

Algumas das fases da análise temática são semelhantes às fases de outras pesquisas qualitativas, logo essas etapas não são necessariamente exclusivas da análise temática. O processo tem início quando o analista começa a notar, e procurar, padrões de significado e questões de interesse potencial nos dados - isso pode ser durante a coleta dos mesmos. O objetivo é a apresentação do conteúdo e do significado de padrões (temas) nos dados, onde "os temas são construtos abstratos (e muitas vezes distorcidos) que os investigadores identificam [sic] antes, durante e depois da análise" (Ryan & Bernard, 2000:780). A análise envolve um constante movimento para frente e para trás pelo conjunto de dados, pelos extratos codificados que você está analisando, e pela análise deles que você está produzindo. A escrita é uma *parte* integral da análise, não algo que apenas ocorre no final, como acontece com as análises estatísticas. Portanto, a escrita deve começar na fase inicial, com a anotação de ideias e esquemas de codificação potenciais, e continuar através do processo inteiro de codificação/análise.

Existem diferentes posições a respeito de quando você deve se envolver com a literatura relevante para a sua análise - alguns argumentando que a leitura precoce pode limitar seu campo

análítico de visão, levando você a se concentrar em alguns aspectos dos dados em detrimento de outros aspectos potencialmente cruciais. Outros argumentam que o envolvimento com a literatura pode melhorar a sua análise, despertando a sensibilidade para características mais sutis de dados (Tuckett, 2005). Portanto, para a análise temática não há uma maneira correta a proceder com a leitura, embora uma abordagem mais indutiva seria reforçada por não se envolver com a literatura nos estágios iniciais de análise, ao passo que uma abordagem teórica requer um compromisso com a literatura antes da análise.

Aqui fornecemos um esboço para guiá-lo através das seis fases de análise, e oferecemos exemplos para demonstrar o processo<sup>8</sup>. As diferentes fases estão resumidas na Tabela 1. É importante reconhecer que as diretrizes de análise qualitativa são exatamente isso - não são regras, e, seguindo preceitos básicos, será necessário aplicar flexibilidade para ajustar questões de pesquisa e dados (Patton, 1990). Além disso, a análise não é um processo *linear* onde simplesmente vamos de uma fase para a seguinte. Em vez disso, é mais um processo *recursivo*, onde você move-se para frente e para trás, conforme necessário, ao longo das fases. Além disso, é um processo que se desenvolve ao longo do tempo (Ely et al., 1997), e não deve ser apressado.

**Tabela 1: Fases da Análise Temática**

<b>Estágio</b>	<b>Descrição do processo</b>
1. Familiarizando-se com seus dados:	Transcrição dos dados (se necessário), leitura e releitura dos dados, apontamento de ideias iniciais.
2. Gerando códigos iniciais:	Codificação das características interessantes dos dados de forma sistemática em todo o conjunto de dados, e coleta de dados relevantes para cada código.
3. Buscando por temas:	Agrupamento de códigos em temas potenciais, reunindo todos os dados relevantes para cada tema potencial.
4. Revisando temas:	Verificação se os temas funcionam em relação aos extratos codificados (nível 1) e ao conjunto de dados inteiro (Nível 2), gerando um "mapa" temático da análise.
5. Definindo e nomeando temas:	Nova análise para refinar as especificidades de cada tema, e a história geral contada pela análise; geração de definições e nomes claros para cada tema.
6. Produzindo o relatório:	A última oportunidade para a análise. Seleção de exemplos vívidos e convincentes do extrato, análise final dos extratos selecionados, relação entre análise, questão da pesquisa e literatura, produzindo um relatório acadêmico da análise.

<sup>8</sup> Estamos supondo que você estará trabalhando com um corpus de dados e conjunto de dados de 'boa qualidade'. Poderíamos argumentar que "bons dados" são definidos por um determinado conjunto de critérios sobre o que, por que e como eles foram coletados, e oferecem visões ricas, detalhadas e complexas do tema. Bons dados não apenas fornecem uma visão *superficial* do tópico de interesse, ou *simplesmente* reiteram uma visão do senso comum. O desafio para o pesquisador iniciante é interagir com os participantes da pesquisa, de tal forma que eles gerem percepções ricas e complexas. Produzir uma boa análise de dados de má qualidade é uma tarefa muito mais exigente para o analista, ainda que potencialmente possa ser feito por um analista qualificado e experiente.

### ***Fase 1: familiarizando-se com seus dados***

Quando você se envolve na análise, você pode ter dados que foram recolhidos por você mesmo ou dados por outra pessoa. Se você coletou-os através de meios interativos, você chega à análise com algum conhecimento prévio dos dados e, possivelmente, alguns interesses ou pensamentos analíticos iniciais. Independentemente disso, é vital que você mergulhe nos dados até o ponto em que esteja familiarizado com a profundidade e amplitude do conteúdo. A imersão geralmente envolve "leitura repetida" dos dados, e ler os dados de maneira *ativa* - procurando significados, padrões e assim por diante. É ideal ler todo o conjunto de dados pelo menos uma vez antes de começar sua codificação, pois assim como suas ideias, a identificação de possíveis padrões será moldado durante a leitura.

Se seu objetivo é uma análise geral ou detalhada, a busca de temas latentes ou semânticos, ou a análise dirigida por dados ou pela teoria, isso será informado conforme a leitura prossegue. Independente disso, é importante estar familiarizado com todos os aspectos de seus dados. Nesta fase, uma das razões por que a pesquisa qualitativa tende a utilizar amostras menores que, por exemplo, dados do questionário tronam-se evidentes - a leitura e releitura de dados é um processo demorado. É, portanto, tentador pular esta fase, ou ser seletivo. Recomendamos fortemente evitar que isso aconteça, pois esta fase fornece a base para o resto da análise.

Durante esta fase, é uma boa ideia começar a tomar notas ou apontar ideias para codificação para as quais você vai voltar na fase subsequente. Tendo feito isso, você está pronto para começar o processo mais formal de codificação. Em essência, a codificação continua a ser desenvolvida e definida em toda a análise.

#### *Transcrição de dados verbais*

Se você estiver trabalhando com dados verbais, tais como entrevistas, programas de televisão ou discursos políticos, os dados terão de ser transcritos, a fim de realizar uma análise temática. O processo de transcrição, embora possa ser visto como demorado, frustrante e às vezes chato, pode ser uma excelente maneira de começar a familiarização com os dados (Riessman, 1993). Além disso, alguns pesquisadores até argumentam que esta deveria ser vista como "uma fase fundamental da análise de dados dentro de metodologia qualitativa interpretativa" (Bird, 2005:227), e reconhecido como um ato *interpretativo*, onde os significados são criados, em vez de simplesmente um ato mecânico onde os sons falados são colocados no papel (Lapadat & Lindsay, 1999).

Existem várias convenções para transformar textos falados em textos escritos (ver Edwards & Lampert, 1993; Lapadat & Lindsay, 1999). Alguns sistemas de transcrição têm sido desenvolvidos para formas específicas de análise – como o sistema "Jefferson" para AC (ver Atkinson & Heritage, 1984; Hutchby & Wooffitt, 1998). No entanto, a análise temática, mesmo a de

cunho construcionista, não exige o mesmo nível de detalhe na transcrição que as análises de conversação, de discurso ou mesmo de narrativa. Como não existe apenas uma maneira de conduzir a análise temática, não há um conjunto de diretrizes a seguir ao produzir uma transcrição. No entanto, no mínimo ela exige uma transcrição 'ortográfica' rigorosa e cuidadosa – uma representação 'literalmente' de todas as expressões verbais (e às vezes [por exemplo, tosse] não verbais)<sup>9</sup>. É importante que a transcrição retenha a informação que você precisa, a partir da representação verbal, e de uma forma que é 'fiel' a sua natureza original (por exemplo, a pontuação adicionada pode alterar o significado dos dados - por exemplo, 'eu odeio isso, você sabe. Eu faço besteiras' versus 'eu odeio isso. Você sabe que eu faço besteiras', Poland, 2002:632), e que a convenção de transcrição seja adequada praticamente para fins de análise (Edwards, 1993).

Como observamos, o tempo gasto na transcrição não é desperdiçado, uma vez que informa os primeiros estágios de análise, e você desenvolve uma compreensão muito mais completa de seus dados durante o processo de transcrição. Além disso, a atenção necessária para transcrever dados pode facilitar o habilidades de leitura e interpretação necessárias para analisar os dados (Lapadat & Lindsay, 1999). Se os seus dados já foram, ou serão, transcritos para você, é importante que você dedique mais tempo para familiarizar-se com os dados, e também para verificar as transcrições confrontando-as com as gravações originais de áudio para obter 'precisão' (como sempre deve ser feito).

### ***Fase 2: gerando códigos iniciais***

A Fase 2 começa após você ter lido e familiarizado-se com os dados, e ter gerado uma primeira lista de ideias sobre o que está nos dados e o que é interessante sobre eles. Esta fase, então, envolve a produção de códigos iniciais a partir dos dados. Os códigos identificam uma característica dos dados (conteúdo semântico ou latente) que parece interessante para o analista, e referem-se "ao segmento, ou elemento, mais básico dos dados ou da informação pura, que pode ser avaliada de uma forma significativa em relação ao fenômeno" (Boyatzis, 1998:63). Veja a Figura 1 para um exemplo de códigos aplicados a um pequeno segmento de dados. O processo de codificação é parte da análise (Miles & Huberman, 1994), enquanto você está *organizando* os dados em grupos significativos (Tuckett, 2005). No entanto, nossos dados codificados diferem das unidades de *análise* (seus temas) que são (muitas vezes) mais amplas. Seus temas, que começam a ser desenvolvidos na próxima fase, são onde a análise interpretativa dos dados ocorre, e em relação aos quais os argumentos sobre o fenômeno a ser analisado são feitos (Boyatzis, 1998).

Extrato de dados	Codificado para
------------------	-----------------

---

<sup>9</sup> Veja Poland (2002) para uma discussão sobre os problemas com a ideia de uma transcrição "literal", e o que é deixado de fora, e mantido, ao longo deste processo.



<p>É um trabalho duro, eu quero dizer quanto a quantidade de papel que você tem que assinar para alterar um nome e não, eu quis dizer não, eu não, nós temos pensado sobre isso ((inaudível)) de coração partido e não pensei não, eu só - eu não posso ficar incomodado, é muito parecido com trabalho duro.(Kate F07a)</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Falou sobre o parceiro</li> <li>2. Muito trabalho para mudar o nome</li> </ol>
--	--

**Figura 1: extrato de dados, com códigos aplicados (de Clarke, Burns, e Burgoyne, 2005).**

A codificação, até um certo ponto, dependerá se os temas são mais "direcionados pelos dados" ou "dirigido pela teoria" - no primeiro caso, os temas dependerão dos dados, mas no último, você pode aproximar-se os dados com questões específicas que você deseja codificar. Também vai depender se você está pretendendo codificar o conteúdo de todo o conjunto de dados, ou se você está codificando para identificar características particulares (e possivelmente limitadas) do conjunto de dados. O processo de codificação pode ser feito manualmente ou através de um software apropriado (ver, por exemplo, Kelle, 2004; Seale, 2000, para a discussão de programas de software).

Trabalhe sistematicamente em todo o conjunto de dados, dando plena e *igual* atenção a cada item, e identifique aspectos interessantes nos itens que podem formar a base de padrões repetidos (temas) em todo o conjunto. Realmente, existem várias maneiras de realizar a codificação dos extratos. Se codificados manualmente, você pode fazê-lo escrevendo notas sobre os textos que você está analisando, usando marcadores ou canetas coloridas para indicar padrões potenciais, ou usando notas de 'post-it' para identificar os segmentos de dados. Pode inicialmente identificar os códigos, e, em seguida, combiná-los com extratos de dados que apresentem aquele código, mas é importante nesta fase assegurar que todos os extratos reais estão codificados, e, em seguida, agrupados em conjuntos dentro de cada código. Isso pode envolver a cópia de extratos de dados de transcrições individuais ou fotocopiar extratos de dados impressos, e colar cada código em arquivos de computador separados ou usar cartões de arquivo. Se estiver usando um software, codifica marcando e nomeando seleções de texto dentro de cada item de dados.

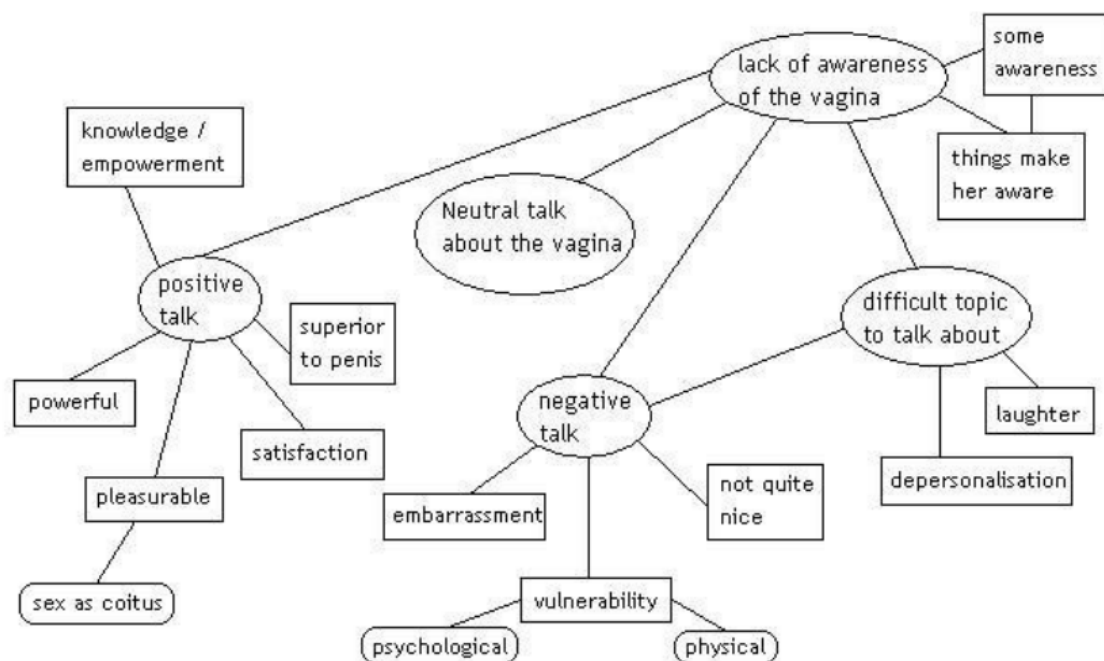
O conselho chave para esta fase é: a) codifique para o maior número de temas/padrões potenciais possível (se o tempo permitir) - você nunca sabe o que pode ser interessante mais tarde; b) codifique extratos de dados de forma inclusiva – i.e., mantenha um pouco dos dados que cercam se são relevantes, uma crítica comum à codificação é que o contexto é perdido (Bryman, 2001); e c) lembre-se que você pode codificar extratos individuais de dados em tantos 'temas' diferentes quanto eles se encaixem - assim um extrato pode ser decodificado, codificado uma vez, ou codificado muitas vezes, sendo relevante. Observe que nenhum conjunto de dados apresenta-se sem contradição e um 'mapa' temático satisfatório que você vai, eventualmente, produzir - uma conceituação geral de padrões de dados, e as relações entre eles<sup>10</sup> - não temos que suavizar ou

<sup>10</sup> O que queremos dizer com mapa temático é similar, mas menos detalhado, que o "livro de códigos" referido por Ryan e Bernard (2000), que envolve um relato detalhado da relação hierárquica entre os códigos, bem como uma descrição de cada um, seus critérios, exemplos e contraexemplos, e outros detalhes. Como a visão de Boyatzis (1998)

ignorar as tensões e contradições entre os dados e através dos itens. É importante manter situações que se afastam da história dominante na análise, por isso você não deve ignorá-las na sua codificação.

**Fase 3: procurando por temas**

A Fase 3 tem início quando todos os dados forem inicialmente codificados e agrupados, e você tem uma longa lista de códigos diferentes que foram identificados em seu conjunto de dados. Esta fase, que refocaliza a análise no nível mais amplo de temas, no lugar de códigos, envolve a triagem dos diferentes códigos em temas potenciais e junta todos os extratos codificados relevantes nos temas identificados. Essencialmente, você está começando a analisar seus códigos, e considerar como códigos diferentes podem se combinar para formar um tema abrangente. Nesta fase, pode ser útil usar representações visuais para ajudá-lo a classificar os diferentes códigos em temas. Você pode usar tabelas, mapas mentais, ou você pode escrever o nome de cada código (e uma breve descrição) em pedaços de papel separados e juntá-los em pilhas, por tema. Um mapa temático desta fase inicial pode ser visto na Figura 2 (os exemplos nas Figuras 2 a 4 vêm da análise apresentada no trabalho de Braun e Wilkinson (2003) sobre o discurso das mulheres sobre a vagina). Isto é, quando você começa a pensar sobre a relação entre os códigos, entre os temas, e entre diferentes níveis de temas (por exemplo, temas principais abrangentes e subtemas neles). Alguns códigos iniciais podem passar a formar temas principais, enquanto outros podem formar subtemas, e outros ainda podem ser descartados. Nesta fase, você também pode ter um conjunto de códigos que não parecem pertencer a qualquer lugar, e é perfeitamente aceitável criar um "tema" chamado *miscelânea* para abrigar os códigos - eventualmente a título transitório - que não parecem se encaixar em seus temas principais.



sobre  
repres  
de tab

4 para  
forma

**Figura 2: mapa temático inicial, que mostra cinco temas principais (análise final apresentado em Braun & Wilkinson, 2003).**

Ao final desta fase, você terá uma coleção de temas candidatos e subtemas, e todos os extratos de dados foram codificados em relação a eles. Neste ponto, você começa a ter uma noção do significado dos temas individuais. No entanto, é importante não abandonar qualquer coisa nesta fase, pois sem analisar todos os extratos em detalhes (a próxima fase) ainda não é possível definir se os temas irão se manter inalteradas, ou se alguns precisam ser combinados, refinados e separados, ou descartados .

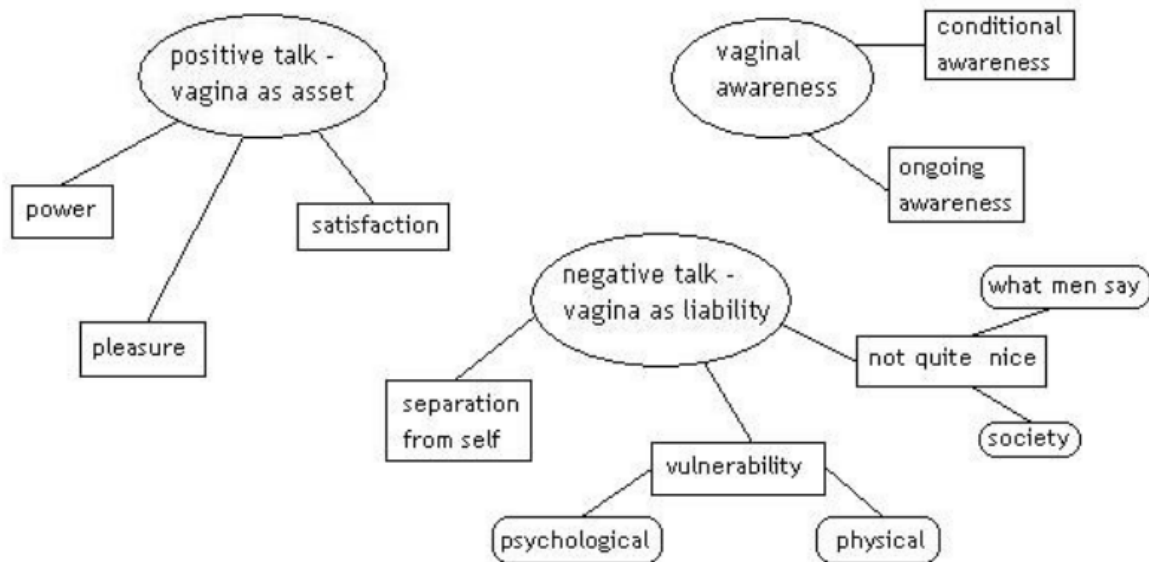
***Fase 4: revisando temas***

A Fase 4 tem início após o conjunto de temas candidatos estar criado, e envolve o refinamento desses temas. Durante esta fase, torna-se evidente que alguns temas candidatos não são realmente temas (por exemplo, se não houver dados suficientes para apoiá-los, ou se os dados são muito diversificados), enquanto outros podem entrar em colapso entre si (por exemplo, dois temas aparentemente separados podem vir a formar um tema). Já outros podem precisar ser divididos em temas distintos. Os critérios duplos de Patton (1990) para julgar categorias - *homogeneidade interna e heterogeneidade externa* – devem ser considerados aqui. Os dados dentro dos temas devem ser significativamente coerentes juntos, enquanto devem existir distinções claras e identificáveis entre os temas.

Esta fase envolve dois níveis de revisão e refinamento dos temas. O nível um consiste na revisão nos extratos codificados de dados. Isso significa que você precisa ler todos os extratos recolhidos para cada tema, e considerar se eles aparentam formar um padrão coerente. Se os seus candidatos a temas parecem formar um padrão coerente, você passa para o segundo nível desta fase. Se seus candidatos a temas não se encaixam, você vai precisar considerar se o tema em si é problemático, ou se alguns extratos de dados nela simplesmente não se encaixam - no caso, você deve refazer a análise, criando um novo tema, encontrando um lar para esses extratos que atualmente não são acolhidos em um tema já existente, ou então descartá-los, a partir da análise. Uma vez que você esteja satisfeito com seus candidatos a temas, e eles conseguem captar adequadamente os contornos dos dados codificados - uma vez que você tem um 'mapa temático' candidato - você está pronto para passar para o nível dois desta fase. O resultado deste processo de refinamento pode ser visto no mapa temático apresentado na Figura 3.

O nível dois envolve um processo semelhante, mas em relação ao conjunto de dados como um todo. Neste nível, você considera a validade de temas individuais em relação ao conjunto, mas também se o seu mapa temático candidato reflete 'precisamente' os significados evidentes no conjunto de dados como um todo. Até certo ponto, o que conta como 'representação precisa' depende da sua abordagem teórica e analítica. No entanto, nesta fase você relê seu conjunto de

dados com duas finalidades. A primeira é, como discutido, verificar se os temas 'trabalham' bem com relação ao conjunto de dados. A segunda é codificar quaisquer dados adicionais dentro dos temas que tenham sido perdidos em estágios anteriores de codificação. A necessidade de recodificação do conjunto de dados é esperada, uma vez que a codificação é um processo orgânico em curso.



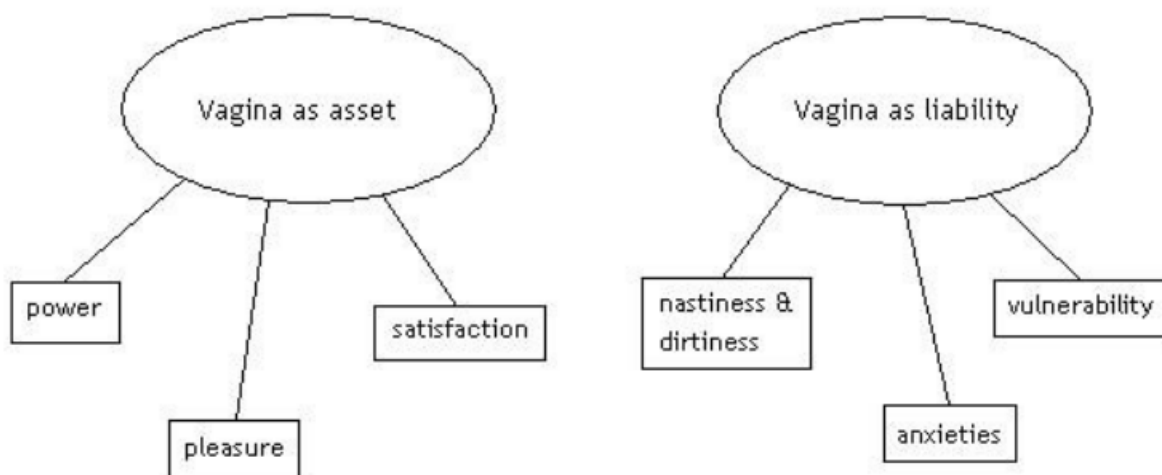
**Figura 3: Mapa temático desenvolvido, mostrando os três temas principais (análise final apresentada em Braun & Wilkinson, 2003).**

Se o mapa temático funcionar, então você pode passar para a próxima fase. No entanto, se o mapa não se encaixa no conjunto de dados, você precisa retornar para uma revisão adicional e refinar sua codificação até criar um mapa temático satisfatório. Ao fazê-lo, é possível que você identifique novos temas potenciais, e você pode precisar para iniciar a codificação também para estes, se forem interessantes para você. No entanto, uma palavra de advertência: como a codificação de dados e a geração de temas poderia continuar *ad infinitum*, é importante não ficar excessivamente entusiasmado com as infinitas recodificações. É impossível fornecer diretrizes claras sobre quando parar, mas quando seus refinamentos não estiverem adicionando qualquer coisa substancial, pare! Se o processo de recodificação é de apenas ajuste fino e apenas insere pequenas nuances em um quadro de codificação que já funciona - ou seja, ele se encaixa bem aos dados - reconheça isso e pare. Considere isso como a edição de um trabalho escrito - você pode editar suas frases e parágrafos de forma interminável, mas depois de alguns ciclos de edição, qualquer trabalho adicional é geralmente refinamento desnecessário - assim como reorganizar os confeitos em um bolo já bem decorado.

Ao final desta fase, você já deve ter uma boa ideia do que são seus diferentes temas, como eles se encaixam, e a história geral eles contam sobre os dados.

#### ***Fase 5: definindo e nomeando temas***

A Fase 5 começa quando você tem um mapa temático satisfatório dos seus dados - veja a Figura 4 para os refinamentos finais do mapa temático de Virginia. Então você define e refina ainda mais os temas que serão apresentados em sua análise e analisar os dados neles. Por 'definir e refinar' entendemos identificar a "essência" do assunto de cada tema (bem como os temas globais), e determinar que aspecto dos dados cada tema captura. É importante não tentar obter um tema que abrace dados demais, ou ser muito diverso e complexo. Para fazer isso, você volta aos extratos de dados separados em cada tema, e organizá-los de forma coerente e internamente consistente, com uma narrativa que os acompanha. É vital que você não *apenas* parafraseie o conteúdo dos extratos de dados apresentados, mas identifique o que é interessante sobre eles e por quê!



**Figura 4: Mapa temático final, mostrando os dois temas principais finais (Braun & Wilkinson, 2003).**

Para cada tema individual, você precisa realizar e escrever uma análise detalhada. Assim como se deve identificar a "história" que cada tema conta, é importante considerar como ele se encaixa na "história" global mais ampla que você está contando sobre seus dados, em relação a sua questão (ou questões) de pesquisa, para garantir que não ocorra muita sobreposição entre os temas. Então, você precisa considerar os próprios temas e a relação entre eles. Como parte do refinamento, você vai identificar se um tema contém ou não quaisquer subtemas. Estes são essencialmente temas dentro de um tema. Podem ser úteis para a estruturação de um tema particularmente grande e complexo, e também para demonstrar a hierarquia de sentido dentro dos dados. Por exemplo, em

uma das análises da Virgínia do discurso das mulheres sobre a vagina, ela identificou dois grandes temas no discurso feminino: a vagina como responsabilidade, e a vagina como habilidade (Braun & Wilkinson, 2003). Dentro de cada tema, foram identificados três subtemas: para responsabilidade, os subtemas foram "indecência e sujeira", "ansiedades" e "vulnerabilidade"; para habilidade, os subtemas foram "satisfação", "poder" e "prazer". No entanto, estes eventuais temas e subtemas finais resultaram de um processo de refinamento dos temas e subtemas iniciais, como mostrado nas Figuras 2 a 4.

É importante que, ao final desta fase, você possa definir claramente o que seus temas são, e o que eles não são. Um teste para isso é ver se você pode descrever o escopo e o conteúdo de cada tema em um par de frases. Se você não pode fazer isso, é um sinal de que um maior refinamento pode ser necessário nesse tema. Embora você já terá dado títulos de trabalho aos seus temas, este é também o ponto de começar a pensar sobre os nomes que você vai dar-lhes na análise final. Estes nomes precisam ser concisos, diretos, e imediatamente dar ao leitor uma ideia sobre o tema.

### ***Fase 6: produzindo o relatório***

A Fase 6 começa quando você tem um conjunto de temas totalmente trabalhado, e envolve a análise final e escrita do relatório. A tarefa de relato de uma análise temática, seja para publicação ou para um trabalho de pesquisa ou dissertação, é contar a história complicada de seus dados de forma que convença o leitor do mérito e validade de sua análise. É importante que a análise (a escrita da mesma, incluindo extratos de dados) forneça um relato conciso, coerente, lógico, não repetitivo, e interessante, da história contada pelos dados - dentro dos temas e entre eles. Sua escrita deve fornecer provas suficientes dos temas nos dados - ou seja, extratos de dados suficientes para demonstrar a prevalência do tema. Escolha exemplos particularmente vívidos, ou extratos que capturem a essência do ponto que você está demonstrando, sem complexidade desnecessária. O extrato deve ser facilmente identificável como um exemplo do problema. No entanto, a sua escrita precisa fazer *mais* do que apenas fornecer dados. Extratos precisam estar incorporados dentro de uma narrativa analítica que convincentemente ilustra a história que você está contando sobre seus dados e sua narrativa analítica precisa ir *além* da descrição dos dados, e trazer um *argumento* em relação a sua pergunta da pesquisa.

### **Definindo o que a análise interpretativa realmente implica**

É difícil especificar exatamente *o que* a análise interpretativa implica, realmente, especialmente por que suas especificidades variam de estudo para estudo. Como primeiro passo, recomendamos olhar exemplos publicados de análise temática, particularmente da versão específica que você está planejando usar (isto torna-se um pouco mais difícil, uma vez que a análise temática muitas vezes não é um método citado nos textos, mas você pode encontrar exemplos, por exemplo, Ellis & Kitzinger, 2002; Kitzinger & Willmott, 2002; Toerien & Wilkinson, 2004). A fim de

proporcionar um senso sobre os tipos de perguntas que você pode fazer a seus dados, e os tipos de argumentações analíticas a serem feitas, vamos discutir um exemplo particularmente bom de uma análise temática indutiva, que enfatiza a compreensão das experiências masculinas em relação ao contexto social mais amplo (veja Frith & Gleeson, 2004).

Frith e Gleeson (2004) buscam explorar como os sentimentos dos homens sobre seus corpos influencia seus costumes de vestuário, e usam dados recolhidos em questionários qualitativos com 75 homens para responder a esta pergunta. Eles relatam quatro temas: praticidade das escolhas de vestuário; falta de preocupação com a aparência; uso de roupas para esconder ou revelar o corpo; uso de roupas para ajustar ideais culturais. Cada tema está claramente ligado à questão global de investigação, mas cada um deles é distinto. Eles fornecem um claro sentido do alcance e diversidade de cada tema, usando uma combinação de extratos de dados analisados de forma narrativa e ilustrativa. Quando relevantes, eles alargam sua análise, movendo-se de um estudo descritivo para um nível interpretativo (muitas vezes relacionando seus argumentos à literatura existente). Por exemplo, em "praticidade dos valores masculinos", surge o sentido das visões dos homens em relação às normas de gênero e estereótipos, que liga as visões individuais fornecidas às expectativas encaradas pelo homem - como membro da sociedade. O que eles fazem, como analistas, é relacionar os padrões de significado nas respostas dos homens com uma análise acadêmica de como o gênero opera. Ao fazer isso, eles demonstram a posição dual que os analistas precisam tomar: tanto como *membros* quanto como *comentaristas* culturais. Sua seção de 'discussão' traz juízos analíticos mais amplos sobre a história geral de que os temas contam sobre a relação dos homens com sua roupa. Esta história revela que os homens "deliberadamente e estrategicamente usam roupas para manipular sua aparência e assim atender ideais culturais de masculinidade" (Frith & Gleeson, 2004:45), de uma forma mais tradicionalmente associada às mulheres. Esta análise traz uma contribuição importante na medida em que desafia a sabedoria percebida entre roupas/aparência e masculinidade.

Como este exemplo demonstra, suas argumentações analíticas precisam ser fundamentadas, mas ir além, na "superfície" dos dados, mesmo para uma análise de nível "semântico". O tipo de questionamento que você precisa para estar se fazendo, para as fases finais da sua análise, inclui: 'o que este tema significa?' 'Quais são seus pressupostos subjacentes?' 'Quais são as implicações deste tema?' 'Quais condições são mais prováveis de ter dado origem a eles?' "Por que as pessoas falam sobre isso dessa maneira particular (e não de outras formas)?" e "Qual é a história geral que os diferentes temas revelam sobre o assunto?" Esse tipo de perguntas devem orientar a análise, uma vez que você tenha uma noção clara sobre seu mapa temático.

### **Possíveis armadilhas a evitar ao fazer a análise temática**

A análise temática é uma forma relativamente simples e direta de análise qualitativa, que não requer o mesmo conhecimento teórico e técnico detalhado que abordagens como a Análise do

Discurso ou a Análise de Conteúdo. É relativamente fácil de realizar uma boa análise temática sobre dados qualitativos, mesmo quando você ainda está aprendendo técnicas qualitativas. No entanto, há uma série de detalhes que podem levar a uma análise pobre. Nesta seção, identificamos essas armadilhas potenciais, na esperança de que elas possam ser evitadas.

A primeira delas é uma falha em realmente *analisar* os dados! A análise temática não é apenas uma coleção de extratos amarrados com pouca ou nenhuma narrativa analítica. Nem é uma seleção de extratos com comentários analíticos que simplesmente, ou principalmente, parafraseia seu conteúdo. Os extratos, neste caso, são ilustrações dos pontos da análise que o pesquisador faz sobre os dados, e deve ser usado para ilustrar/apoiar uma análise que vai para além do seu conteúdo específico, para dar sentido aos dados, e dizer ao leitor o que significa ou pode significar - como discutido acima. A segunda armadilha, associada a isso, é a utilização das questões da coleta de dados (tais como de um roteiro de entrevista) como os "temas" que são relatados. Nesse caso, nenhum trabalho analítico foi feito para identificar temas em todo o conjunto de dados, ou para dar sentido da padronização de respostas.

A terceira é uma análise fraca ou pouco convincente, em que os temas não aparentam trabalhar, onde há muita sobreposição entre temas, ou onde os temas não são internamente coerentes e consistentes. Todos os aspectos do tema devem ser coerentes com uma ideia ou conceito central. Esta armadilha ocorre se, dependendo do que a análise está tentando fazer, ela falhar em capturar adequadamente a maioria dos dados, ou em fornecer uma rica descrição/interpretação de um ou mais aspectos dos dados. Uma análise fraca ou pouco convincente também pode ser resultado de uma falha em buscar exemplos suficientes entre os dados - por exemplo, apenas um ou dois extratos para um tema. Este ponto é essencialmente sobre a retórica de apresentação, e da necessidade da análise ser convincente para alguém que não tenha lido todo o conjunto de dados: "A "análise" do material ... é um a criação artística autoconsciente pelo pesquisador, e deve ser construída para convencer o leitor da plausibilidade de um argumento" (Foster & Parker, 1995:204). Ao fazer isso, você evita (a aparência de) o que Bryman (1988) referiu-se a como 'anedoticismo' na pesquisa qualitativa - onde um ou alguns exemplos de um fenômeno são reificados em um padrão ou tema, quando ele ou eles são realmente idiossincráticos. Isso não quer dizer que alguns casos não pode ser de interesse, ou reveladores, mas é importante não deturpá-los como um tema abrangente.

A quarta armadilha é uma incompatibilidade entre os dados e as argumentações analíticas que são feitas sobre eles. Em tal análise (infundada), as argumentações não podem ser suportadas pelos dados, ou, no pior dos casos, os extratos de dados apresentados sugerem outra análise ou até mesmo contradizem os argumentos. O pesquisador precisa ter certeza de que suas interpretações e pontos de análise são consistentes com os extratos de dados. Uma análise fraca não parece considerar outras leituras alternativas óbvias de dados, ou deixa de considerar variação (e até contradição) no argumento que é produzido. Um padrão de dados raramente, ou nunca, chega a ser



100% completo e não contrariável, por isso uma análise que sugere isto, sem uma explicação subjacente, está aberta à suspeita. É importante escolher exemplos convincentes para demonstrar os temas, então dedique um tempo considerável a isto.

A quinta envolve uma incompatibilidade entre a teoria e as argumentações analíticas, ou entre as questões de pesquisa e a *forma* de análise temática utilizada. Uma boa análise temática precisa certificar-se de que as interpretações dos dados são consistentes com o quadro teórico. Assim, por exemplo, se você estiver trabalhando em uma estrutura experiencial, você normalmente não faz afirmações sobre a construção social do tema de pesquisa e se você estiver fazendo análise temática construcionista você não trataria o discurso das pessoas sobre experiência como uma janela transparente em seu mundo. Por fim, mesmo uma análise boa e interessante que falha em apontar seus pressupostos teóricos, ou esclarecer como ela foi realizada, e com que propósito, carece de informação fundamental (Holloway & Todres, 2003), e, assim, falha em um aspecto.

### **O que faz uma boa análise temática?**

Uma das críticas sobre a pesquisa qualitativa vinda de pessoas de fora do campo é a percepção de que "vale tudo". Por exemplo, este sentimento é ecoado na primeira frase do resumo de Laubschagne (2003): "Para muitos cientistas acostumados a fazer estudos quantitativos, todo o conceito de pesquisa qualitativa não é claro, quase estranho, ou" conto de fadas" - não pesquisa 'real'". No entanto, embora a pesquisa 'qualitativa' não possa ser submetida aos mesmos critérios das abordagens 'quantitativas', ela fornece métodos de análise que devem ser aplicados rigorosamente aos dados. Além disso, critérios para a realização de uma boa pesquisa qualitativa - tanto na coleta de dados quanto na análise - existem (por exemplo, Elliott, Fischer, e Rennie, 1999; Parker, 2004; Seale, 1999; Silverman, 2000; Yardley, 2000). A British Psychological Society oferece orientações relativamente sucintas online para avaliar a qualidade na pesquisa qualitativa (ver <http://www.bps.org.uk/publications/journals/joop/qualitative-guidelines.cfm>). Critérios" para avaliar a pesquisa qualitativa não são um tema não controverso, com preocupações levantadas sobre critérios rígidos que limitam a liberdade e desenvolvimento metodológico sufocante (Elliott et al, 1999;. Parker, 2004; Reicher, 2000). Reicher (2000) leva a crítica mais longe, perguntando se a incrivelmente diversificada gama de abordagens qualitativas *podem e devem* ser sujeitadas aos mesmos critérios.

A parte dessas críticas, as questões levantadas em muitos critérios de avaliação gerais de pesquisa qualitativa podem ser mais ou menos aplicadas às formas temáticas de análise. Como a análise temática é um método flexível, você também precisa ser claro e explícito sobre o que você

está fazendo, e o que você afirma estar fazendo precisa corresponder com o que você realmente faz. Nesse sentido, teoria e método precisam ser aplicados com rigor, e "o rigor encontra-se na elaboração de um método sistemático cujos pressupostos são congruentes com a forma como se conceitua o assunto" (Reicher & Taylor, 2005:549). Uma lista concisa de critérios a considerar para determinar se você gerou uma boa análise temática é fornecida na Tabela 2.

**Tabela 2: Uma lista de verificação de 15 Pontos de Critérios para uma boa análise temática**

<b>Processo</b>	<b>Nº</b>	<b>Critério</b>
Transcrição	1	Os dados foram transcritos em um nível apropriado de detalhe, e as transcrições foram verificadas em relação às fitas para 'precisão'.
Codificação	2	Cada item de dados teve igual atenção no processo de codificação.
	3	Os temas não foram gerados a partir de alguns poucos exemplos vívidos (uma abordagem anedótica), mas em vez disso o processo de codificação foi profundo, inclusivo e abrangente.
	4	Todos os extratos relevantes para cada tema foram agrupados.
	5	Os temas foram verificados entre si e com o conjunto de dados originais.
	6	Os temas são internamente coerentes, consistentes e distintos.
	Análise	7
8		Análise e dados correspondem uns aos outros - os extratos ilustram as argumentações analíticas.
9		Análise conta uma história convincente e bem organizada sobre os dados e o tópico.
10		Um bom equilíbrio entre a narrativa analítica e os extratos ilustrativos é fornecido.
Visão geral	11	Tempo suficiente foi alocado para concluir todas as fases da análise de forma adequada, sem apressar uma fase ou dando-lhe uma visão leve.
Relatório escrito	12	As suposições, e a abordagem específica, para a análise temática são claramente explicadas.
	13	Há um bom ajuste entre o que você diz fazer e o que você mostra ter feito - ou seja, o método descrito e a análise relatada são consistentes.
	14	A linguagem e os conceitos utilizados no relatório são consistentes com a posição epistemológica da análise.
	15	O pesquisador está posicionada como <i>ativo</i> no processo de pesquisa; os temas não "emergem" simplesmente.

## Então, o que a análise temática tem a oferecer aos psicólogos?

Vamos agora terminar este artigo com alguns breves comentários sobre as vantagens e desvantagens da análise temática. Como mostramos ao longo deste trabalho, a análise temática não é um método complexo. Na verdade, como você pode ver na Tabela 3, apresenta muitas vantagens. No entanto, não deixa de ter algumas desvantagens, que vamos agora considerar brevemente. Muitas das desvantagens dependem mais de análises mal conduzidas ou questões de pesquisa inadequadas, do que do método em si. Além disso, a flexibilidade do método - que permite uma grande variedade de opções analíticas - significa que a gama potencial de argumentos que podem ser ditos sobre seus dados é ampla. Enquanto isso é uma vantagem, também pode se tornar uma desvantagem na medida em que torna o desenvolvimento de orientações específicas para as fases avançadas de análise difícil, e pode ser potencialmente paralisante para o pesquisador que está tentando decidir em quais dos aspectos de seus dados irá se concentrar. Outra questão a considerar é que uma análise temática tem poder de interpretação limitado para além da mera descrição, se ele não for usado dentro de um quadro teórico existente, que ancora as argumentações analíticas que são feitas.

**Tabela 3: Vantagens da Análise Temática**

---

Flexibilidade.

---

Método relativamente fácil e rápido para aprender e fazer.

---

Acessível a pesquisadores com pouca ou nenhuma experiência em pesquisa qualitativa.

---

Os resultados são geralmente acessíveis ao público em geral.

---

Método útil para trabalhar dentro de paradigma de pesquisa participativa, com os participantes como colaboradores.

---

Pode utilitariamente resumir os principais recursos de uma grande massa de dados e/ou oferecer uma "descrição densa" do conjunto de dados.

---

Pode realçar semelhanças e diferenças no conjunto de dados.

---

Pode gerar percepções imprevistas.

---

Permite interpretações sociais, bem como psicológicas, dos dados.

---

Pode ser útil para a produção de análises qualitativas adequadas para informar o desenvolvimento de políticas.

---

Outras desvantagens aparecem quando você considera a análise temática em relação a alguns dos outros métodos analíticos qualitativos. Por exemplo, ao contrário das abordagens narrativas ou outras biográficas, você é incapaz de manter um senso de continuidade e contradição através da opinião de qualquer indivíduo, e essas contradições e consistências individuais podem ser

reveladoras. Em contraste a métodos como a AD e a AC, uma análise temática simples não permite ao pesquisador fazer alegações sobre o uso da linguagem, ou a funcionalidade afinadora do discurso.

Finalmente, vale a pena notar que a análise temática atualmente não tem elogios particulares como um método analítico – isto, nós argumentamos, decorre do fato de que é mal demarcada e afirmada, ainda que amplamente utilizada. Isto significa que a análise temática é, ou parece, muitas vezes ser o que é simplesmente feito por alguém sem o conhecimento ou habilidades para executar uma forma de análise “de marca” supostamente mais sofisticada - certamente mais carregada em elogio - como a teoria fundamentada, AFI ou AD. Esperamos que este artigo possa mudar esse ponto de vista, visto que, conforme argumentamos, uma abordagem temática rigorosa pode produzir uma análise criteriosa que responde a questões específicas de pesquisa. O importante é escolher um método que seja adequado a sua questão de pesquisa, em vez de ser vítima da 'metodolatria', onde você está mais empenhado com um método, do que com o tema/conteúdo ou questões de pesquisa (Holloway & Todres, 2003). Na verdade, o seu método de análise deve ser dirigido tanto por sua questão de pesquisa quanto por seus pressupostos teóricos mais amplos. Como demonstramos, a análise temática é uma abordagem flexível que pode ser usado por uma variedade de epistemologias e questões de pesquisa.

### Referências

- Antaki, C., Billig, M., Edwards, D., & Potter, J. (2002). Discourse analysis means doing analysis: A critique of six analytic shortcomings. *DAOL Discourse Analysis Online [Electronic Version]*, 1(1).
- Aronson, J. (1994). A pragmatic view of thematic analysis. *The Qualitative Report*, 2(1), 2(1).
- Atkinson, J. M., & Heritage, J. (1984). *Structures of social action: Studies in conversation analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Attride-Stirling, J. (2001). Thematic networks: an analytic tool for qualitative research. *Qualitative Research*, 1(3), 385-405.
- Bird, C. M. (2005). How I stopped dreading and learned to love transcription. *Qualitative Inquiry*, 11(2), 226-248.
- Boyatzis, R. E. (1998). *Transforming qualitative information: Thematic analysis and code development*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Braun, V. (2005a). In search of (better) female sexual pleasure: Female genital 'cosmetic' surgery. *Sexualities*, 8(4), 407-424.
- Braun, V. (2005b). Selling the perfect vulva. Manuscript under submission.
- Braun, V., Gavey, N., & McPhillips, K. (2003). The "fair deal"? Unpacking accounts of reciprocity in heterosex. *Sexualities*, 6(2), 237-261.
- Braun, V., & Kitzinger, C. (2001). The perfectible vagina: Size matters. *Culture Health & Sexuality*, 3, 263-277.
- Braun, V., & Wilkinson, S. (2003). Liability or asset? Women talk about the vagina. *Psychology of women Section Review*, 5(2), 28-42.
- Bryman, A. (1988). *Quantity and Quality in Social Research*. London: Routledge.

- Bryman, A. (2001). *Social Research Methods*. Oxford: Oxford University Press.
- Burman, E., & Parker, I. (Eds.). (1993). *Discourse Analytic Research: Repertoires and Readings of Texts in Action*. London: Routledge.
- Burr, V. (1995). *An introduction to social constructionism*. London: Routledge.
- Charmaz, K. (2002). Qualitative interviewing and grounded theory analysis. In J. F. Gubrium & J. A. Holstein (Eds.), *Handbook of Interview Research: Context & Method* (pp. 675-694). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Clarke, V. (2005). 'We're all very liberal in our views': Students' talk about lesbian and gay parenting. *Lesbian & Gay Psychology Review*, 6(1), 2-15.
- Clarke, V., Burns, M., & Burgoyne, C. (2005). "Who would take whose name?" An exploratory study of naming practices in same-sex relationships. Manuscript under submission.
- Clarke, V., & Kitzinger, C. (2004). Lesbian and gay parents on talk shows: Resistance or collusion in heterosexism. *Qualitative Research in Psychology*, 1, 195-217.
- Dey, I. (1993). *Qualitative data analysis: A user-friendly guide for social scientists*. London: Routledge.
- Edwards, J. A. (1993). Principles and contrasting systems of discourse transcription. In J. A. Edwards & M. D. Lampert (Eds.), *Talking data: transcription and coding in discourse research* (pp. 3-31). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Edwards, J. A., & Lampert, M. D. (Eds.). (1993). *Talking data: transcription and coding in discourse research*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Elliott, R., Fischer, C. T., & Rennie, D. L. (1999). Evolving guidelines for publication of qualitative research studies in psychology and related fields. *British Journal of Clinical Psychology*, 38(3), 215-229.
- Ellis, S. J., & Kitzinger, C. (2002). Denying equality: An analysis of arguments against lowering the age of consent for sex between men. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, 12, 167-180.
- Ely, M., Vinz, R., Downing, M., & Anzul, M. (1997). *On writing qualitative research: Living by words*. London: Routledge/Falmer.
- Fine, M. (2002). *Disruptive Voices: The Possibilities for Feminist Research*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Foster, J. J., & Parker, I. (1995). *Carrying out investigations in psychology: Methods and statistics*. Leicester, UK: BPS Books.
- Frith, H., & Gleeson, K. (2004). Clothing and embodiment: men managing body image and appearance. *Psychology of Men & Masculinity*, 5(1), 40-48.
- Glaser, B. (1992). *Basics of Grounded Theory Analysis*. Mill Valley: Sociology Press.
- Hayes, N. (1997). Theory-led thematic analysis: social identification in small companies. In N. Hayes (Ed.), *Doing Qualitative Analysis in Psychology*. Hove, UK: Psychology Press.
- Holloway, I., & Todres, L. (2003). The status of method: flexibility, consistency and coherence. *Qualitative Research*, 3(3), 345-357.
- Hollway, W. (1989). *Subjectivity and Method in Psychology: Gender, Meaning and Science*. London: Sage.
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2000). *Doing Qualitative Research Differently: Free Association, Narrative and the Interview Method*. London: Sage.
- Hutchby, I., & Wooffitt, R. (1998). *Conversation analysis: Principles, practices and applications*. Oxford: Polity Press.
- Kelle, U. (2004). Computer-assisted analysis of qualitative data. In U. Flick, E. von Kardorff & I. Steinke (Eds.), *A companion to qualitative research* (pp. 276-283). London: Sage.

- Kitzinger, C., & Willmott, J. (2002). 'The thief of womanhood': Women's experience of Polycystic Ovarian Syndrome. *Social Science & Medicine*, 54(3), 349-361.
- Lapadat, J. C., & Lindsay, A. C. (1999). Transcription in Research and Practice: From Standardization of Technique to Interpretive Positionings. *Qualitative Inquiry*, 5(1), 64-86.
- Laubschagne, A. (2003). Qualitative research - Airy fairy or fundamental? *The Qualitative Report* [Electronic Version], 8(1).
- McLeod, J. (2001). *Qualitative research in counselling and psychotherapy*. London: Sage.
- Meehan, T., Vermeer, C., & Windsor, C. (2000). Patients' perceptions of seclusion: A qualitative investigation. *Journal of Advanced Nursing*, 31(2), 370-377.
- Miles, M. B., & Huberman, A. M. (1994). *Qualitative data analysis: An expanded sourcebook* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Murray, M. (2003). Narrative psychology. In J. A. Smith (Ed.), *Qualitative psychology: A practical guide to research methods* (pp. 111-131). London: Sage.
- Parker, I. (2004). Criteria for qualitative research in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 1, 95-106.
- Patton, M. Q. (1990). *Qualitative evaluation and research methods* (2nd ed.). Newbury Park, CA: Sage.
- Poland, B. D. (2002). Transcription quality. In J. F. Gubrium & J. A. Holstein (Eds.), *Handbook of Interview Research: Context & Method* (pp. 629-649). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Potter, J. (1997). Discourse analysis as a way of analysing naturally occurring talk. In D. Silverman (Ed.), *Qualitative research: Theory, method and practice* (pp. 144-160). London: Sage.
- Potter, J., & Wetherell, M. (1987). *Discourse and social psychology: Beyond attitudes and behaviour*. London: Sage.
- Reicher, S. (2000). Against methodolatry: Some comments on Elliott, Fischer, and Rennie. *British Journal of Clinical Psychology*, 39(1), 1-6.
- Reicher, S., & Taylor, S. (2005). Similarities and differences between traditions. *The Psychologist*, 18(9), 547-549.
- Riessman, C. K. (1993). *Narrative Analysis*. Newbury Park, CA: Sage.
- Roulston, K. (2001). Data analysis and 'theorizing as ideology'. *Qualitative Research*, 1(3), 279-302.
- Rubin, H. J., & Rubin, I. S. (1995). *Qualitative interviewing: The art of hearing data*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Ryan, G. W., & Bernard, H. R. (2000). Data management and analysis methods. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research* (2nd ed., pp. 769-802). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Seale, C. (1999). *The quality of qualitative research*. London: Sage.
- Seale, C. (2000). Using computers to analyse qualitative data. In D. Silverman (Ed.), *Doing qualitative research: A practical handbook* (pp. 155-174). London: Sage.
- Silverman, D. (2000). *Doing qualitative research: A practice handbook*. London: Sage.
- Singer, D., & Hunter, M. (1999). The experience of premature menopause: a thematic discourse analysis. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 17, 63-81.
- Smith, J. A., Jarman, M., & Osborn, M. (1999). Doing Interpretative phenomenological analysis. In M. M. a. K. Chamberlain (Ed.), *Qualitative Health Psychology: Theories and Methods*. London: Sage.
- Smith, J. A., & Osborn, M. (2003). Interpretative phenomenological analysis. In J. A. Smith (Ed.), *Qualitative Psychology: A Practical Guide to Methods*. London: Sage.
- Stenner, P. (1993). Discoursing jealousy. In E. Burman & I. Parker (Eds.), *Discourse Analytic Research: Repertoires and Readings of Texts in Action* (pp. 94-132). London: Routledge.

- 33 Strauss, A., & Corbin, J. (1998). *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Taylor, G. W., & Ussher, J. M. (2001). Making sense of S&M: A discourse analytic account. *Sexualities*, 4(3), 293-314.
- Toerien, M., & Wilkinson, S. (2004). Exploring the depilation norm: a qualitative questionnaire study of women's body hair removal. *Qualitative Research in Psychology*, 1, 69-92.
- Tuckett, A. G. (2005). Applying thematic analysis theory to practice: A researcher's experience. *Contemporary Nurse*, 19(1-2), 75-87.
- Ussher, J. M., & Mooney-Somers, J. (2000). Negotiating desire and sexual subjectivity: Narratives of young lesbian avengers. *Sexualities*, 3(2), 183-2000.
- Widdicombe, S., & Wooffitt, R. (1995). *The Language of Youth Subcultures: Social Identity in Action*. London: Harvester Wheatsheaf.
- Wilkinson, S. (2000). Women with breast cancer talking causes: comparing content, biographical and discursive analyses. *Feminism & Psychology*, 10(4), 431-460.
- Willig, C. (1999). Beyond appearances: A critical realist approach to social constructionism. In D. J. Nightingale & J. Cromby (Eds.), *Social constructionist psychology: A critical analysis of theory and practice* (pp. 37-51). Buckingham, UK: Open University Press.
- Willig, C. (2003). Discourse analysis. In J. A. Smith (Ed.), *Qualitative psychology: A practical guide to research methods* (pp. 159-183). London: Sage.
- Yardley, L. (2000). Dilemmas in qualitative health research. *Psychology and Health*, 15, 215-228.